

RELAÇÕES IRÃ-ÁFRICA: OPORTUNIDADES E PERSPECTIVAS PARA O IRÃ

Fátima Chimarizeni¹

Em um mundo político caracterizado por muitos tipos de alianças, o Irã buscou projeção de poder para se defender das sanções econômicas impostas pelos Estados Unidos da América, juntamente com outros membros das Nações Unidas, como Reino Unido, França, Rússia e China. O seu direcionamento para a África foi uma das estratégias de Ahmadinejad para superar o impacto econômico negativo decorrente das sanções. No entanto, o aumento do poder de uma liderança aparentemente mais voltada para resolver o problema nuclear diretamente com os Estados ocidentais, coloca o relacionamento Irã-África em uma condição frágil, considerando as prioridades da política externa iraniana.

O período inicial deste trabalho abrange o ano de 2006. Até então, o Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU) havia aprovado a Resolução 1696 sobre o Irã, com o objetivo de pressionar o país a parar o seu programa de enriquecimento de urânio. Embora essa não seja a primeira onda de sanções que o país enfrentou, foi a primeira medida tomada pelo grupo internacional que trouxe consigo as consequências políticas, econômicas e sociais para o Irã. Uma delas foi o isolamento econômico parcial do Irã do vasto mercado mundial.

2015 foi escolhido porque, naquele ano, as Nações Unidas adotaram a Resolução 2231 do Conselho de Segurança, estabelecendo um cronograma para a suspensão e eventual levantamento das sanções da ONU contra esse país. Durante o período em estudo, a maioria dos países ocidentais evitou as relações econômicas, diplomáticas e militares com o Irã levando dificuldades econômicas a esse país. A fim de diminuir essas dificuldades, o Irã voltou-se para seus aliados tradicionais como China e Rússia. Além disso, o Irã voltou os olhos para a África, onde procurou o apoio político e diplomático e as relações econômicas para aliviar o ônus imposto pelas

¹ Curso de Relações Internacionais e Diplomacia, Instituto Superior de Relações Internacionais de Moçambique, Maputo, Moçambique. E-mail: fatimacardoso31@gmail.com

sanções, na medida em que os Estados ocidentais eram unânimes em suas pressões diplomáticas contra o Irã, considerando o problema nuclear iraniano uma ameaça direta contra eles.

O objetivo específico é alcançar uma maior compreensão das oportunidades e perspectivas resultantes da política externa iraniana dirigida ao continente africano, especificamente para as regiões ocidentais e orientais da África. O Irã recorreu a alguns Estados africanos para se afastar do isolamento que foi obrigado a enfrentar (Taylor 2010). Em 2008, por exemplo, o presidente Mahmoud Ahmadinejad expressou sua vontade de fortalecer as relações iranianas com Estados africanos além daqueles com quem o Irã já tinha relações (Murithi 2013). Na verdade, a política externa iraniana foi orientada para promover uma interação dinâmica entre o Irã e alguns países africanos a partir de 2005 (Warner 2011).

Neste trabalho, argumento que, embora o ator central do poder político iraniano seja o líder supremo, o presidente é considerado um jogador-chave, pois ele é capaz de desenhar as políticas domésticas e internacionais de acordo com o que ele define como prioridade, mesmo que em um ambiente político doméstico restritivo. Embora o Irã mantenha suas relações com a África, uma mudança considerável caracteriza essa relação. No entanto, a relevância estratégica da parceria iraniana com os Estados africanos é bem conhecida e preservada pelo Irã. Obviamente, o principal interesse da administração Rouhani era libertar o país do isolamento.

Portanto, recentemente, a política externa iraniana tem se concentrado em resolver a questão nuclear em comparação com outras questões. No entanto, cabe ao presidente Rouhani assegurar ou não um profundo grau de engajamento iraniano na África. Isto é, embora as negociações nucleares sejam tão importantes quanto a criação de parceiros, é um desafio para Rouhani reter laços fortes entre o Irã e os Estados africanos, respondendo às demandas ocidentais sobre o problema nuclear. Assim, o Irã poderia ter a oportunidade de assegurar a parceria dos Estados africanos e poderia contar com eles para garantir sua influência e presença na região.

O trabalho utilizou o projeto de pesquisa qualitativa em que o método de triangulação foi aplicado. Foi utilizada uma triangulação de analista. Visava interpretar as diferentes formas de ver os dados sobre a política externa do Irã em relação a África criados por diferentes autores. Da mesma forma, foi aplicada uma análise de dados de fontes secundárias de informações, como revistas eletrônicas, livros e diários. O objetivo principal era conseguir uma compreensão clara do relacionamento da África Ocidental e Oriental com o Irã. Portanto, devido à sua particularidade de manter relações econômicas e militares com o Irã, os Estados dessas regiões

como Nigéria, Senegal, Sudão e Eritreia foram tomados como objeto de análise. Basicamente, uma análise da política externa iraniana em relação a essas regiões e a resposta desses Estados africanos foram estudadas.

Problemas Domésticos e Soluções Externas: o Irã está recorrendo à África

Como a maioria dos países do Sistema Internacional, as questões econômicas e sociais influenciam a política interna e externa do Irã (Karshenas & Hakimian 2008). Internamente, as sanções econômicas que lhe foram impostas afetaram negativamente sua economia (Zangeneh 2003)². Na verdade, a economia vem diminuindo desde meados da década de 1970. A economia iraniana baseou-se principalmente na indústria do petróleo (Karshenas & Hakimian 2008). No entanto, devido a sanções, a indústria do petróleo desmoronou. O fato de sua economia se basear em apenas uma mercadoria torna a situação econômica iraniana ainda mais complicada, pois não há diversificação, em termos de bens produzidos para exportação. Da mesma forma, há pouco número de trabalhadores qualificados. Portanto, seu nível de produtividade é baixo. Como resultado, o nível de desemprego é desenfreado e o padrão de vida está no patamar mais baixo (Karshenas & Hakimian 2008).

Portanto, como estratégia de sobrevivência para superar seus problemas domésticos, o Irã reforçou suas relações com Estados que mantinham boas relações políticas e econômicas, como Rússia, China e alguns Estados africanos. Levando em consideração, os Estados ocidentais estabeleceram uma linha que o Irã tem de atravessar para que eles aliviem as sanções e restabeleçam as relações econômicas e políticas normais com ele. O Irã em alguns momentos tem querido fazer o contrário. Claramente, viu-se, portanto, necessitado a recorrer a outros Estados, a fim de garantir a sua sobrevivência, a nível nacional e internacional. Então, aqui entra o papel dos Estados africanos.

²Desde 2006, quatro ondas de sanções econômicas foram impostas ao Irã. Em dezembro de 2006, após o fracasso de Teerã em cumprir os incentivos aprovados pelo CSNU, o Conselho impôs sanções ao comércio do Irã em materiais e tecnologias nucleares sensíveis. Em 2007, as sanções anteriores foram intensificadas através de um pacote pelo qual funcionários específicos foram nomeados como alvos das sanções e outras sanções foram adicionadas às instituições financeiras iranianas. Em março de 2008, o Conselho de Segurança aprovou a Resolução 1803 para reafirmar e defender sanções anteriores. E, até abril de 2010, pareceu que a Rússia e a China - os partidários tradicionais do Irã no Conselho de Segurança reconsideraram sua tolerância ao programa nuclear do Irã, enquanto os EUA, a França e a Grã-Bretanha pressionaram por uma resolução aprovando mais sanções (Global Policy Forum 2015).

Estados africanos como Nigéria, Senegal, Eritreia e Sudão enfrentaram, basicamente, desafios comuns relacionados ao baixo nível de desenvolvimento socioeconômico. Esses Estados consideram sua condição precária como de alguma forma um legado da colonização (Nyikal 2005). Assim, eles viram o Irã como um parceiro para resolver juntos esses problemas, pois também sofreu influência externa no passado e pode reter recursos que podem ser aplicados em seus países³. Assim, o estabelecimento da cooperação nos setores econômico e militar através da materialização de acordos políticos moldou as relações desses Estados. Assim, a cooperação em segurança entre o Irã e alguns dos Estados africanos, por exemplo, manifestou-se através da assistência militar (Murithi 2013). Então, em toda a cooperação dos Estados em desenvolvimento, a retórica contra o Ocidente é usada, pelo Irã, como catalisador para estimular essa relação (Murithi 2013; Rubin 2013). No entanto, ambos os lados precisam uns dos outros para garantir o impulso de sua área econômica e militar.

Entretanto, nos últimos dois anos, esse compromisso diminuiu visivelmente sob o governo do presidente Hassan Rouhani, independentemente da sua expressão pública passada, afirmando sua vontade de expandi-lo (Chimbelu 2010). Como tal, dado o papel essencial que os Estados africanos possuem como parceiros iranianos no exterior, bem como a variação substancial da posição política iraniana para com esses parceiros, resultantes de diferentes políticas escolhidas pelo atual presidente, a questão de saber até que ponto o presidente é influente em destacar as políticas estrangeiras iranianas em relação a África deve ser considerada.

Perspectiva histórica das relações do Irã e da África

Laços históricos profundos caracterizam a relação entre o Irã e a África. Seu relacionamento, essencialmente, remonta à era do Império. De volta ao século IX, as relações persa-africanas foram principalmente apresentadas pelo comércio entre os dois povos: persa e africano (Murithi 2013). No século 16, havia assentamentos de migrantes persas em áreas urbanas no leste da África, bem como visitas de comerciantes persas (Murithi 2013). Durante a Era Pahlavi Shah, o relacionamento foi caracterizado por boas relações econômicas entre o Irã e alguns Estados africanos, como a

3 Embora o Irã enfrente problemas econômicos, seu nível de desenvolvimento permite interagir com outros Estados e compartilhar o conhecimento em diferentes áreas que realizou. Então, o Irã não está tão desenvolvido quanto os Estados ocidentais; No entanto, possui experiência em setores técnicos e militares que são compartilhados com outros Estados com os quais coopera.

África do Sul (Onderco 2012).

Assim, com base em quais foram os principais fatores de condução no relacionamento do Irã com a África, sua concepção anti-imperialista de política externa, por exemplo, o Estado islâmico, mesmo apoiou alguns movimentos de independência africanos. O excedente da receita do petróleo iraniano de 1974 foi usado para apoiar essa causa. Mesmo os movimentos sul-africanos se beneficiaram disso. Portanto, a energia e a posição política comum foram alguns dos fatores que motivaram o relacionamento do Irã com a África.

Na sequência da Revolução Islâmica (1979), permanece a política externa iraniana em relação à África. Na verdade, houve uma continuação notável quanto à preservação de boas relações entre os Estados africanos e o Irã. Os líderes sucessivos no Irã não prejudicaram a aliança estabelecida pelo Irã com os países africanos. Então, as relações Irã-África foram apresentadas pelo uso de meios políticos pelo primeiro para alcançar o último (Rubin 2013). O fato de que ambos os lados pertenciam a um movimento de não-alinhamento - mantendo a mesma concepção do anti-imperialismo e desempenhando o papel de bastião revolucionário - o fator ideológico era o principal e o que fortaleceu seu relacionamento (Onderco 2012). Como resultado desta posição aceita pelo Irã, ele ocupa um cargo de membro observador na União Africana (UA). Através desta posição, o Irã assegura o apoio de alguns dos Estados membros da UA, pois tem a capacidade de interagir com o maior número possível deles (Kobi 2011). As conseqüências dessas interações são refletidas na aliança observável entre o Irã e alguns Estados africanos e seu apoio infinito a empreendimentos iranianos em outras organizações, como a IAEA, além da ONU.

O mesmo papel de política externa e mais parceiros

Ao longo dos anos, a relação Irã-África, de fato, evoluiu. Então, juntamente com a continuação das relações positivas, houve um alargamento considerável da gama de Estados africanos que interagem com o país. Assim, o Irã interagiu com Estados de cada uma das regiões africanas de forma positiva. Essa interação comporta diferentes tipos de relações entre as duas entidades. Envolve trocas diplomáticas, políticas, militares e comerciais. Conseqüentemente, resultou em uma importante presença iraniana na África (ITIC 2009), destinando-se a cumprir os objetivos diplomáticos, econômicos e religiosos do Irã (Haji-Yousefi 2010).

Então, mantendo-se sem alinhamento, a retórica iraniana contra o Ocidente permitiu que alguns Estados africanos compartilhassem a

mesma percepção em relação a parceiros externos. Além disso, a união dos Estados em desenvolvimento (baseada na retórica do Sul) visando alcançar o crescimento econômico, é o pilar dessa cooperação (Warner 2011). No entanto, a eficiência desta interação é bastante questionável. Mesmo assim, as visitas oficiais de diplomatas do Irã a Estados como Nigéria e Senegal, bem como o contrário, aumentaram (Modell & Asher 2013; Taylor 2010).

Sendo o principal poder na África Ocidental, a posição privilegiada da Nigéria em instituições internacionais importantes - como a sua adesão à AIEA e ao CSNU - levou o Irã a estabelecer uma relação com esse país (Rubin 2013; Mcanenny 2014). Assim, o Irã concordou em compartilhar com a Nigéria tecnologia nuclear para a produção de eletricidade (Chimbelu 2010). Além disso, em junho de 2014, durante uma reunião liderada pelo ministro da Indústria do Irã e sua homóloga nigeriana, as duas nações concordaram em buscar uma cooperação mais estreita em áreas como mineração, indústria, petróleo, engenharia e tecnologia nuclear (Mcanenny 2014). Isso ilustra o grande compromisso político demonstrado por ambas as partes a esse respeito.

Na verdade, o Irã vem se aproximando dos países africanos, pois é uma entidade que toma iniciativas positivamente recebidas por esses países. As ações do Irã no Senegal se concentram principalmente na economia, com ênfase nas promessas de ajuda para a criação de fábricas e vários projetos (Chimbelu 2010). Essencialmente, inclui a extensão de uma linha de crédito de 120 milhões de dólares do Export Development Bank do Irã ao Senegal para a compra de tratores iranianos (Kobi 2011). Para Taylor (2010), essas medidas refletem os interesses econômicos da elite senegalesa. No entanto, o Senegal atuou recentemente como “porta do Irã para a África”, uma vez que os US \$ 16 milhões nas exportações para o Senegal em 2009 constituíram um maior volume de comércio do que o do Irã com todos os outros países da África Ocidental combinados (Kobi 2011; Rubin 2013) .

O Sudão tem uma localização geoestratégica - situado no Mar Vermelho - que melhora a sua posição como forte aliado iraniano na região da África Oriental (Mcanney 2014). De acordo com o ITIC (2009), o objetivo final da parceria é permitir que o Irã estabeleça uma presença naval ativa no Mar Vermelho que conduz ao Golfo de Eilat e ao Canal de Suez. Com isso, o Irã é susceptível de explorar o uso dos seus portos para qualquer atividade. Inclui atividade política contra Israel, países árabes moderados e de resposta, caso suas instalações nucleares sejam atacadas.

Além disso, houve acordos políticos no setor militar entre Irã e Sudão, em que o primeiro se comprometeu abertamente a fornecer armas para o último. Assim, o ministro da Defesa do Sudão, depois de visitar o Irã, em janeiro de 2007, afirmou em setembro de 2007 que o Irã era um dos

principais fornecedores de armas ao Sudão (ITCT 2009). Segundo Modell & Asher (2013), o Irã firmou um acordo com o Sudão para treinar soldados e oficiais da inteligência islâmica nacional sudanesa em Teerã como parte do esforço do Sudão para estabelecer as Forças de Defesa Populares do Sudão. Também construiu o Complexo Industrial Militar Yarmouk; uma instalação de fabricação de armas bombardeada em outubro de 2012 e teria entrado em vários outros projetos militares conjuntos. Tudo isso ilustra os profundos laços militares bilaterais entre os dois Estados.

No que diz respeito à Eritreia, um dos marcos das relações entre os dois países foi a visita de Isaias Afworki, presidente da Eritreia, ao Irã e sua reunião com Ahmadinejad em maio de 2008. Essa reunião terminou com a assinatura de acordos e Memorando de Entendimento entre as duas entidades (ITIC 2009). O escopo desses acordos consiste no aumento dos vínculos comerciais entre Eritreia e Irã, e expandindo e encorajando o investimento iraniano nos setores de agricultura, mineração e energia da Eritreia (Mcanenny 2014). Resultantemente, em 2008, o Banco Iraniano para o Desenvolvimento das Exportações deu à Eritreia US \$ 35 milhões em crédito para promover as relações comerciais entre os dois países. Como agradecimento, o ministro das Relações Exteriores da Eritreia expressou seu apoio ao programa nuclear do Irã quando o ministro iraniano visitou a ONU (ITIC 2009).

Notavelmente, o maior interesse dos países africanos aqui tem sido conseguir que um sócio possa fornecer-lhes os recursos necessários para resolver seus problemas domésticos críticos. Diante das taxas diretas de pobreza, subdesenvolvimento e falta de segurança, juntamente com a vontade política existente e os esforços para superar esse cenário, esses países veem o Irã como um portal para isso. Aqui, a partilha de uma visão comum do mundo quanto à aversão carregada para com o Ocidente, na medida em que persiste a imagem ruim do imperialismo passado, se torna um incentivo crucial para a promoção desse relacionamento. Além disso, o setor militar é tomado como uma área relevante para estabelecer, bem como reforçar os laços de cooperação entre os Estados acima mencionados. Portanto, permite a consolidação da presença iraniana em algumas regiões da África.

Além disso, vale a pena notar a diferença nos graus de interação existentes com relação ao Irã e aos Estados africanos. Como tal, em comparação com outras regiões africanas, os Estados da África Oriental e do Oeste Africano são os que mais recentemente interagiram com o Irã. Além do compartilhamento de laços históricos com o país, os Estados da África Oriental recentemente compartilharam relações políticas com ele. Na verdade, os Estados originários dessas duas regiões africanas, como Eritreia,

Sudão, Nigéria, Senegal e assim por diante, têm vínculos econômicos e militares com o Irã (Mcanenny 2014). Às vezes, o componente religioso também é incorporado nessas interações (Kobi 2011).

Ao contrário deles, os Estados subsaarianos, como Zimbábue, Lesoto, Malawi e Namíbia, estão interagindo com o Irã principalmente em áreas econômicas. Assim, a busca de urânio nos últimos Estados pelo Irã, para fornecimento de seu empreendimento nuclear, constitui seu principal interesse (Onderco 2012). A troca de depósitos de urânio, portanto, tem sido a condição colocada pelo Irã em alguns países da África, a fim de conceder-lhes recursos econômicos ou mesmo militares (Salomão 2015). Resultantemente, o alcance dos Estados africanos ricos em minerais é uma das estratégias iranianas em relação ao continente.

O envolvimento do Irã na África: uma política externa deixada no passado?

Basicamente, o aumento do envolvimento profundo do Irã com a África foi testemunhado desde 2005. Então, o aumento de poder do presidente Ahmadinejad (2005-2013) transformou a dinâmica desse relacionamento (Rubin 2013). Na verdade, isso foi reforçado através da enorme implantação da presença iraniana na África por meios políticos, econômicos, militares e religiosos (Kobi 2011; Mcanney 2014). Aqui, a presidência de Ahmadinejad, diferente de seus predecessores, trouxe uma política externa de forte envolvimento com a África, que se materializou através do envolvimento excessivo do Irã no continente (Rubin 2011), em que pretendia assegurar a aliança já existente e fazer mais aliados nela. Essa política foi operacionalizado através das constantes visitas oficiais de Ahmadinejad a África; as visitas dos líderes africanos ao Irã; bem como a hospedagem no Irã de uma conferência Irã-África em Teerã em 2008. Para o ITIC (2009), esses movimentos revelaram a busca do Irã por aliados para operacionalizar seus interesses nacionais no Sistema Internacional - estabelecendo-se como uma potência regional no Oriente Médio. Isso também significava uma forma do Irã fugir das sanções econômicas que haviam sido submetidas pelo CSNU desde 2006.

De um lado da relação está o Irã, fornecendo a esses Estados os recursos econômicos e militares que detém, o que ele pode usar para alavancar seus interesses lá. Por outro lado, há um processo envolvendo esses Estados de retorno ao “apoio” do Irã. Isso é visivelmente materializado em termos da fidelidade política desses Estados, bem como o seu apoio às resoluções contra o Irã nas Nações Unidas (ONU), bem como a Agência

Internacional de Energia Atômica (IAEA) quando se trata do Programa nuclear contencioso; uma questão em que o Irã precisa de seu apoio.

A política externa iraniana por muitos anos foi apresentada por aliança entre os poderes externos e um Estado menos autônomo. Acima e além, a política do Irã foi baseada na dependência excessiva da ajuda dos EUA, a fim de preservar a segurança política de Mohammad Reza Shah. Ao longo dos anos, a principal preocupação do Shah era manter sua própria zona de conforto (Haji-Yousefi 2010).

No entanto, apenas após a sua existência como República Islâmica, a situação sofreu uma transformação. Por essa altura, a política externa do Irã mudou para uma postura fortemente autônoma. Foi claramente definido em sua Constituição e observado através das ações do Irã no SI. Na verdade, apenas após o estabelecimento de uma República Islâmica, ele efetuou uma mudança na política externa do país. A nova Constituição da República Islâmica foi essencialmente um reflexo de uma nova visão dos novos líderes que governam a política do Irã. Como tal, com base no artigo 152 da nova Constituição, foram estabelecidos novos princípios sobre os quais o país deveria ser governado.

Assim, o elemento religioso foi introduzido na política do Irã pela liderança revolucionária. Surpreendentemente, desde então tem sido usado como um veículo para alcançar os interesses nacionais do Irã (DeLand 2001), sendo utilizado para estabelecer alianças de forma regional e transnacional. A nível regional, o Irã se aliou com os líderes do Estado que compartilham a mesma orientação religiosa. Então, sua aliança com a Síria é um reflexo dessa instância. Embora a Síria não seja um Estado teocrático como o Irã, o próprio fato de seu presidente pertencer a um segmento xiita do Islã confere-lhe uma das premissas para manter relações com o regime iraniano. Por outro lado, o Irã apoiou grupos islâmicos como o Hamas na Faixa de Gaza. Embora a característica xiita não seja tão fundamental para a sustentabilidade dessa relação, a propagação da revolução islâmica é o principal objetivo iraniano que apoia essa organização. O Irã possui o mesmo padrão de interação com seus aliados do Oriente Médio. Isso também foi exportado para chegar a lugares além de suas fronteiras regionais. Ao lidar com a África, observa-se que o padrão do Irã é seguido. Isso é exemplificado pelos fortes laços religiosos que o Irã possui com Sudão e Eritreia.

No entanto, alguns autores argumentam que a política externa do Irã adotada desde 1979 é carregada de controvérsia. Para alguns deles, a adição de elementos religiosos traz um componente ideológico. Portanto, os componentes ideológicos foram colocados no lugar dos realistas como motoristas da política externa do Irã (DeLand 2001; Ahmadi 2008).

Esta controvérsia pode ser encontrada na Constituição de 1979 do Irã no artigo 152. Contudo, os princípios da Constituição iraniana, sem dúvida, sugerem que a religião é tão importante para o Irã quanto qualquer outra ferramenta para dirigir sua relação com outros Estados (Ahmadi 2008). De fato, nenhum desses princípios sugere que a religião constitui o componente crucial da política externa iraniana. Ao contrário, através da análise dos empreendimentos iranianos no Sistema Internacional, pode-se notar que existe uma visível abertura de vários meios para empreender sua política externa em que a religião não é um componente central. Isso certamente é percebido pela aliança do Irã com os Estados, entre outros, da Nigéria e do Senegal, que não são islâmicos nem têm pessoas muçulmanas na frente da liderança. Isso, de fato, mostra a busca do Irã de seus interesses nacionais.

Como resultado da negatividade carregada na resposta dos EUA à posição de apoio iraniana sobre a luta contra o terrorismo, o presidente iraniano, Ahmadinejad, adotou uma postura completamente diferente de seus predecessores, com os EUA e o Ocidente (Ramazani 2009). Tendo em mente a forte atmosfera política, ele se voltou para o confronto com as potências ocidentais (Shanahan 2005). Segundo ele, seus predecessores eram fracos ao lidar com o Ocidente e era hora do Irã resolver seus próprios problemas sobre o princípio da independência de influência dos poderes externos. Desde então, a abordagem iraniana de política externa foi apresentada por uma nova tendência. Por isso, os Estados do “terceiro mundo” começaram a ser vistos como parceiros fundamentais para estabelecer alianças com o Irã. Esta foi, essencialmente, a materialização do princípio do Terceiro Mundo, apresentado com precisão em sua Constituição de 1979. Então, além da América Latina, a África foi colocada no alcance das novas políticas externas do Irã.

O presidente iraniano recentemente eleito (2013), Hassan Rouhani, diferente do seu antecessor, adotou outra abordagem nas relações com o Ocidente (Bazoobandi 2014). Estando consciente que a situação econômica doméstica terrível é afetada diretamente pelas pesadas sanções impostas à economia do Irã; ele expressou através de muitas ações sua forte vontade de reverter esse cenário. Assim, Rouhani acredita firmemente que a chave para expandir o papel do Irã na região é fortalecer sua economia. O setor econômico é certamente um dos componentes integrantes do poder nacional (Shanahan 2015). Então, uma das maneiras de alcançar esse interesse econômico, segundo ele, é o alcance de um acordo abrangente sobre o problema nuclear (Bazoobandi 2014). Como resultado, é o ponto de vista pragmático que o Irã assumiu recentemente no Sistema Internacional. Por isso, a administração Rouhani viu o distanciamento do Irã de sua posição

de confronto direto anterior como a estratégia adequada para recuperar sua legitimidade internacional como um Estado. Sua abordagem, então, tem sido forte no recurso de meios diplomáticos de diálogo com o Ocidente em vez de lançar ameaças ferozes como anteriormente. No entanto, a mudança de abordagem da política externa iraniana acima descrita não sugere sua mudança automática de interesses no Sistema Internacional. Em vez disso, reconheceu a importância do primado da força econômica como condição necessária para alcançar o poder politicamente.

E a África?

Resultantemente, a nova posição da atual liderança iraniana minou as relações existentes entre Irã e África. Então, recentemente, o princípio do “terceiro mundo” transformado em ação foi claramente enfraquecido à medida que foco foi dado ao acordo nuclear iraniano com o Ocidente. No entanto, a relevância estratégica da África para o Irã não mudou, e isso é visto na preservação dos laços em que o país tem com esses Estados, apesar da redução de apoio.

Essencialmente, embora a relação entre o Irã e os Estados africanos tenha registado uma melhoria considerável durante a era de Ahmadinejad, o mesmo envolvimento não é testemunhado durante a atual presidência de Rouhani. Embora Rouhani tenha manifestado a sua vontade de manter as relações entre o Irã e a África no mesmo caminho, as relações flexíveis anteriores entre ambos ainda voltarão ao estágio anterior ou até ganharão novas dinâmicas (Hammond 2013; PressTv 2014). Por conseguinte, Rouhani até agora reafirmou o seu empenho em relação à África. No entanto, esse compromisso é testemunhado principalmente em termos de discursos políticos. Na verdade, o foco prático de Rouhani foi, em vez disso, principalmente a questão nuclear do que em ações concretas que prevêm a ampliação de laços iranianos com Estados africanos. Além disso, o “engajamento” de Rouhani com o Ocidente, em vez de África, improvável com Ahmadinejad, diminui o papel da África em relação às prioridades atuais da política externa do Irã.

A mudança notável na abordagem da política externa de Rouhani sugere claramente o abandono na ênfase de alguns dos princípios da política externa do Irã, levando ao aprimoramento de outros. A fim de garantir os interesses econômicos do Irã, o Presidente Rouhani optou por chamar a atenção do Irã para o Ocidente, rebaixando o papel do Terceiro Mundo, um princípio muito louvado por Ahmadinejad. Embora, haja uma vontade oficialmente expressa de manter as relações com os Estados africanos, ele tem sido manifestamente menos envolvido com questões

africanas comparado com Ahmadinejad. Ele ilustra claramente a redução da participação econômica do Irã na África. Também mostra a perda de oportunidade de o Irã aumentar sua presença nas regiões africanas.

Na verdade, Rouhani não viajou para a África muitas vezes nem convidou muitas vezes funcionários africanos para o Irã, além da última presença de seu primeiro-ministro na África. É importante notar que, apesar da diminuição do contato direto com os Estados africanos, a relevância política e geoestratégica da África para o Irã permanece inalterada. Como tal, a salvaguarda dessa participação permanecerá como um dos interesses nacionais do Irã, sustentando a relevância africana para o Irã.

Conclusão

Embora alguns Estados africanos tenham experimentado uma relação mais próxima com o Irã, essa tendência se reduziu recentemente. Evidentemente, a complexidade da política doméstica iraniana, bem como o enorme foco que o governo iraniano depositou nas negociações nucleares, o impedem de reforçar suas relações com os Estados africanos, tornando-se parte dos parceiros de reserva do Irã. É mais do que claro que cada presidente levou a política externa do Irã de acordo com sua própria compreensão do que deveria ser o caminho certo para o país. Neste sentido, cada um focou mais ou menos em determinados Estados do Sistema Internacional. Para o caso do relacionamento do Irã com os Estados africanos, Ahmadinejad havia defendido, ao longo de seu mandato, o envolvimento do Irã com alguns Estados com base na concepção do terceiro mundo que é declarado na constituição do Irã. No entanto, não eliminando o princípio, mas dando menos atenção a ele, Rouhani, preocupado com o bem-estar do Estado iraniano e adotando uma posição mais pragmática. Esta posição consiste em resolver impedimentos do crescimento econômico iraniano. Para assumir esse objetivo, ele foi obrigado a relegar alguns aliados do Irã ao segundo plano em comparação com os Estados envolvidos nas negociações de questões nucleares. Uma questão que, se resolvida estrategicamente, pode beneficiar a economia do Irã através da sua adesão à economia mundial, sem necessidade de enfrentar sanções econômicas impostas pela comunidade internacional.

REFERÊNCIAS

- Ahmadi, Hamid. 2008. "Religious State and National Interest in Iran in the 21st Century: Politics Economics & Conflict". In.: *Iran in the 21st century*. (Eds) Homa Khatouzian and Hossein Shahidi. Routledge, Oxon
- Bazoobandi, Sara. 2014. *Iran's Regional Policy: Interests, Challenges and Ambitions*. ISPI. Disponível em: http://www.ispionline.it/sites/default/files/publicazioni/analysis_275_2014_0.pdf
- Chimbelu, Chiponda. 2010. *Iran Makes Inroads in Parts of Africa*. Disponível em: <http://www.dw.de/iran-makes-inroads-in-parts-of-africa/a-5257032>
- DeLand, Janet. 2001. *Fundamental Sources of Iranian Foreign and Security Policies*. Disponível em: http://www.rand.org/content/dam/rand/pubs/monograph_reports/MR1320/MR1320.ch2.pdf
- Global Policy Forum. 2015. *UN Sanctions against Iran*. Disponível em: <https://www.globalpolicy.org/security-council/index-of-countries-on-the-security-council-agenda/iran.html>
- Haji-Youssefi, Amir M. 2010. *Iran's Foreign Policy During Ahmadinejad: From Confrontation to Accommodation*. Disponível em: <http://www.cpsa-acsp.ca/papers-2010/Haji-Yousefi.pdf>
- Hammond, Joseph. 2013. *Mahmoud Akmadnejad's African Safari*. Disponível em: <http://thediplomat.com/tag/iran-africa-relations/>
- ITIC. 2009. *Iran's Activity in East Africa, the gateway to the Middle East and the African continent*. Disponível em: <http://www.terrorism-info.org.il/en/article/18244>
- Karshenas, Massoud; Hakimian, Hassan. "Managing Oil Resources and Economic Diversification in Iran". In.: *21st Century Politics Economics and Conflict*. Katouzian, Homa.; Shahidi, Hossein. Routledge, New York.
- Kobi. 2011. *Iran in Africa – Broken Promises, Terrorism and Drugs*. Disponível em: <http://archive.irandailybrief.com/wp-content/uploads/2011/05/Iran-in-Africa.pdf>
- McAnenny, Alex. 2014. *Iran in Africa: A Tutorial Overview of Iran's Strategic Influence In Africa*. Center for Security Policy. Disponível em: <http://www.centerforsecuritypolicy.org/wp-content/uploads/2015/01/Iran-in-Africa.pdf>
- Moddell, Scott; Asher, David. 2013. *Countering the Iran Action Network*. Center for a New American Security. Disponível em: <http://www.cnas.org>

- org/files/documents/publications/CNAS_Pushback_ModellAsher_o.pdf
- Murithi, Tim. 2013. *Handbook of Africa's International Relations*. Routledge. Oxon
- Nyikal, Harold. 2005. *Neo-Colonialism In Africa: The Economic Crisis in Africa and the Propagation of the Status Quo by the World Bank/IMF And WTO*. Disponível em: <http://web.stanford.edu/class/e297a/Neo-Colonialism%20in%20Africa.pdf>
- Onderco, Michael. 2012. "South Africa's Iran policy: "Poster child" Meets Renegade". *South African Journal of International Affairs*. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/action/showCitFormats?doi=10.1080/10220461.2012.740179>
- PressTv. 2014. *Iran Seeks Closer Ties with African States: Rouhani*. Disponível em: <http://www.presstv.com/detail/2014/02/24/352108/iran-keen-to-expand-ties-with-africa/>
- Ramazani, R.K. 2009. *Understanding Iranian Foreign Policy*. Disponível em: mercury.ethz.ch/.../Files/ISN/.../ch_1_Understanding_Iranian_FP.pdf
- Rubin, Michael. 2013. *Africa: Iran's Final Frontier?* American Enterprise Institute for Public Policy Research. Disponível em: <https://www.aei.org/publication/africa-irans-final-frontier/>
- Shanahan, Rodger. 2015. *Iranian Foreign Policy under Rouhani*. Lowy Institute. Disponível em: <http://www.lowyinstitute.org/files/iranian-foreign-policy-under-rouhani.pdf>
- Taylor, Ian. 2010. *The International Relations of Sub-Saharan Africa*. The Continuum International Publishing Group. New York
- Warner, Jason. 2011. *Iran's Troubled Foray into Africa*. Disponível em: <http://globalpublicsquare.blogs.cnn.com/2011/10/12/irans-troubled-foray-into-africa/>
- Zangeneh, Hamid. 2003. "The Iranian Economy and the Globalization Process". In: *Iran Encountering Globalization: Problems and Prospects*. Ed. Ali Mohammadi, Routledge. Oxon

RESUMO

Este trabalho traça um panorama das relações do Irã com a África entre os anos de 2006 e 2015. Durante o período em estudo, a maioria dos países ocidentais evitou as relações econômicas, diplomáticas e militares com o Irã levando dificuldades econômicas a esse país. A fim de diminuir essas dificuldades, o Irã voltou-se para seus aliados tradicionais, como a China e a Rússia, e principalmente, voltou seus olhos para o continente africano, onde procurou apoio político e diplomático e as relações econômicas para aliviar o ônus imposto pelas sanções. Entretanto, a partir da eleição do Presidente Rouhani essa postura começa a alterar-se, buscando aproximar-se dos países ocidentais, para livrar o Irã do isolamento.

PALAVRAS-CHAVE

Irã; África; Política Externa Iraniana; sanções econômicas.

Recebido em 30 de maio de 2017.

Aprovado em 19 de junho de 2017.

Traduzido por Rafaela Pinto Serpa